

ETNOCONHECIMENTO SOBRE OS CRUSTÁCEOS DECAPODOS DOS *SATERÉ-MAWÉ* DO ANDIRÁ - BARREIRINHA/AM

ETHNO-KNOWLEDGE ABOUT THE DECAPODS CRUSTACEANS OF THE ANDIRÁ-BARREIRINHA/AM SATERE-MAWÉ

Alexandre Tyson Ferreira de Souza¹; Marnisson Luiz de Araújo Bahia¹;
Fabiano Gazzi Taddei^{1*}

Resumo:

O objetivo deste estudo foi diagnosticar o conhecimento da etnia sateré-mawé do Andirá - Barreirinha/Am sobre os crustáceos decápodos, identificando usos e costumes e as terminologias utilizadas para os animais. A região amazônica, devido a diversidade de etnias presentes, é um polo riquíssimo e pouco explorado desse tipo de conhecimento. Os *Sateré-Mawé* fazem parte de uma etnia indígena que habita a floresta tropical, principalmente, entre os estados do Amazonas e Pará. Integra a família linguística tupi-guarani e, atualmente, nota-se a perda do intercâmbio dos saberes tradicionais por parte das novas gerações. A etnia possui cerca de 8.373 indígenas, 5.510 dos quais falam a língua *Sateré-Mawé*, 2.992 que leem e 2.980 que a leem e escrevem. Para a obtenção dos dados de interesse, foram realizadas entrevistas com perguntas que tratavam da nomenclatura utilizada para a identificação de camarões e caranguejos, sobre o conhecimento das regiões corporais, do uso dessas espécies como alimento, sobre predação, importância ecológica e sobre os conhecimentos populares relacionados a esses animais. Foram entrevistados 10 indígenas entre adolescentes e adultos. Os resultados obtidos comprovam a existência de um considerável conhecimento dos *sateré-mawés* sobre os crustáceos decápodos, desde as regiões corporais até aspectos da sua bioecologia. Em seu dialeto, são chamados de Pohiã (camarão) e Akát'a (caranguejo). Nota-se, principalmente, nas entrevistas das pessoas com mais idade, que esses crustáceos apresentam crenças relacionadas com curas de enfermidades, sorte e comportamento dos humanos, o que não foi encontrado nas entrevistas dos mais jovens da etnia, nos quais percebe-se uma perda considerável do conhecimento tradicional, desde o dialeto até os usos e costumes. Fato que,

¹ Universidade do Estado do Amazonas UEA/CESP – Centro de Estudos Superiores de Parintins - Laboratório de Estudos dos Crustáceos da Amazônia – LECAM, Parintins, Amazonas Brasil. * fgtaddei@hotmail.com

33 ETNOCONHECIMENTO SOBRE OS CRUSTÁCEOS DECAPODOS DOS *SATERÉ- MAWÉ* DO ANDIRÁ - BARREIRINHA/AM

provavelmente, está relacionado a inserção das ferramentas tecnológicas dentro da aldeia, muitos não tem mais o hábito de pescar e estão perdendo ou já perderam a fluência no dialeto *Sateré-Mawé*.

Palavras-chave: Crustáceos; Decápodos; Etnoconhecimento; *Sateré-Mawé*.

Abstract:

The aim of this study was to diagnose the knowledge of the *Sateré-Mawé* ethnic group of Andirá - Barreirinha/Am about the decapod crustaceans, identifying uses and habits and the terminology used for these animals. The Amazon region, due to the diversity of ethnicities present, is a very rich and little explored pole of this type of knowledge. The *Sateré-Mawé* are part of an indigenous ethnic group that inhabits the rainforest, mainly between the states of Amazonas and Pará. It belongs to the Tupi-Guarani linguistic family and, currently, there is a loss of interchange of traditional knowledge by the new generations. The ethnic group has about 8,373 indigenous people, 5,510 of whom speak the *Sateré-Mawé* language, 2,992 who read and 2,980 who read and write it. To obtain the data of interest, interviews were carried out with questions dealing with the nomenclature used to identify prawns and crabs, knowledge of body regions, the use of these species as food, predation, ecological importance and popular knowledge related to these animals. Ten indigenous people were interviewed, including adolescents and adults. The results obtained prove the existence of a considerable knowledge of the *Sateré-Mawés* about the decapod crustaceans, syne their body regions to the aspects of their bio-ecology. In their dialect, they are called Pohiã (prawn) and Akát'a (crab). It is noted, mainly, in the interviews with older people, that these crustaceans have beliefs related to curing diseases, luck and behavior of humans, which was not found in the interviews of the youngest of the ethnic group, in which a considerable loss of traditional knowledge, from dialect to uses and habits. A fact that is probably related to the insertion of technological tools within the village, many no longer have the habit of fishing and are losing or have already lost fluency in the *Sateré-Mawé* dialect.

Keywords: Crustaceans; Decapods; Ethno-knowledge; *Sateré-Mawé*.

1. Introdução

Nos dias de hoje a ciência está muito relacionada aos conhecimentos que possuem comprovação, porém, muitas vezes está aliada com pesquisas que se baseiam nos saberes tradicionais, valorizando assim o conhecimento dos povos ribeirinhos, quilombolas ou indígenas. A região amazônica é um polo riquíssimo desse tipo de conhecimento (SIMAS e LUCHESI, 2020), principalmente, devido a diversidade de etnias presentes em seu território. Dentre essas, a maior em termos populacionais da região (SAWAIA et al., 2020), os *Sateré-Mawé*, que fazem parte de uma etnia indígena que habita a floresta tropical entre os estados do Amazonas e Pará (LUCHESI e PICANÇO, 2021) e, integra a família linguística tupi-guarani (SIMAS e LUCHESI, 2020). É possível

34 ETNOCONHECIMENTO SOBRE OS CRUSTÁCEOS DECAPODOS DOS *SATERÉ- MAWÉ* DO ANDIRÁ - BARREIRINHA/AM

que, no século XVII, os *Sateré-Mawé* ocupassem vastos territórios do planalto e das margens do rio Tapajós. Com o avanço colonial, migraram na direção das cabeceiras dos rios: Andirá, Araticum, Abacaxis e Urariá (PEREIRA, 1954).

O censo demográfico indígena realizado em 2005 registrou uma população de 8.373 indígenas dessa etnia, 5.510 dos quais falavam a língua *Sateré-Mawé*, 2.992 que a liam e 2.980 que a liam e escreviam (ESTEVES, 2008). A terra indígena Andirá-Marau está localizada entre os estados do Amazonas e Pará, abrangendo os municípios de Aveiro e Itaituba (PA) e Barreirinha, Maués e Parintins (AM), nas calhas dos rios Urupadi, Marau, Andirá e Uaicurapá. Foi homologada em 1986, com uma área de 788.528 hectares, dos quais 3% estão em sobreposição com a Floresta Nacional do Pau-rosa e 11% com o Parque Nacional da Amazônia. É constituída por 103 aldeias e sítios ao longo das calhas dos principais rios, com aproximadamente 13.350 pessoas falantes da língua *Mawé* e, com domínio do português (IBGE, 2010). Atualmente, a população vive, principalmente, nas margens dos rios Marau, Miriti, Urupadi, Manjuru e Andirá, com uma população aproximada de 14.268 pessoas. O censo citado por Esteves (2008), refletiu significativo crescimento populacional, se comparado com o indicado por Uggé (1985), que fixou a população em 4.500 indivíduos. Esse mesmo autor identificou que esse povo é composto por dois grupos com uma identidade própria os *Sateré* e os *Mawé*, esses descendentes dos habitantes das terras próximas aos rios Andirá e Marau.

Os registros identificadores dos *Sateré-Mawé*, desde o período colonial, indicam como marcadores mais significativos, com relação à construção étnica, as atividades: consumo ritual do guaraná (*Paullinia sorbilis*), vindo da terra cultivada como fonte da saúde; o culto ao *puratin* ou *poratig*, o Remo Mágico e o Ritual da Tucandeira (rito de iniciação masculina) (BERNAL, 2009; CARVALHO e TRICÁRICO, 2022). Considerando esses pontos como identificadores, a cultura indígena dessa etnia, possivelmente, está perdendo sua origem, devido à influência de vários fatores, principalmente, em função do uso frequente da língua portuguesa (LUCHESE e PIKANÇO, 2021), que se dá por membros de grupos que habitam comunidades localizados na entrada das terras indígenas e, pelos indígenas que viajam com frequência para zona urbana (CARNEIRO, 2012).

Atualmente, a agricultura é o principal setor de subsistência dos *Sateré-Mawé*, nessa se destacam, principalmente, o plantio da mandioca e do guaraná. A farinha de mandioca é a base da alimentação, mas também há o plantio da banana, batata doce, cará branco (espinho), cará-roxo, abacaxi entre outros cultivos frutíferos, que são comercializados nos municípios de Barreirinha e Parintins. Além da agricultura, o povo *Sateré* provê sua subsistência por meio das atividades de caça, pesca, coleta e do extrativismo florestal, do qual extrai o óleo da copaíba, da andiroba, cumaru, castanha-da-Amazônia, bacaba e açai (SOUZA et al., 2019).

Outro item usado como fonte de alimentação dos *Sateré Mawé* são os crustáceos, como caranguejos e camarões, os quais também servem como iscas para a prática da pesca. A coleta destes crustáceos é realizada de forma tradicional, eles são procurados e encontrados submersos em pedras, troncos e em locais onde são depositados casca e restos de mandioca em decomposição.

Nos últimos anos a alimentação da tribo indígena *Sateré-Mawé* mudou de forma drástica, o que ocorreu devido ao uso de alimentos industrializados, tais como: frango

1.2 Caranguejos dulcícolas

Na infraordem Brachyura estão inclusos os caranguejos e siris que, apesar de serem, geralmente, associados ao ambiente marinho, no ambiente dulcícola e semi-terrestre há uma grande variedade de espécies. Existem cerca de 310 de caranguejos de água doce na região Neotropical, essas distribuídas nas famílias Trichodactylidae e Pseudothelphusidae (Cumberligde et al, 2014). Seus representantes estão distribuídos apenas na América do Sul, sendo os Tricodactilídeos, facilmente, diferenciados dos pseudoteufusídeos, pela presença de espinhos na margem lateral da carapaça e, por cerdas nos dactílos dos pereiópodos (MAGALHÃES, 1991). A família Trichodactylidae é exclusivamente dulcícola, sendo representada na região Neotropical por menos de 50 espécies que ocorrem desde o sul do México até a Argentina, sempre em rios de drenagem Atlântica (MAGALHÃES, 2003).

1.3 Etnoconhecimento na região amazônica

Segundo Córdula (2014), etnoconhecimento são os saberes e tradições (cultura) passados de geração a geração nas comunidades tradicionais, aprendidos com a vida cotidiana e, na interação direta com meio que os cerca e seus fenômenos naturais, se refere, especialmente, ao que os indígenas, os quilombolas, os pescadores e outras comunidades tradicionais ou locais, que buscam viver em sintonia com o ambiente e seus recursos naturais, têm a ensinar para quem não conhece essa realidade.

Um dos ramos do etnoconhecimento é a Etnobiologia, estudo que aborda as complexas relações existentes entre os seres vivos e sistemas culturais, tanto nas sociedades passadas quanto nas atuais. Segundo Posey (1987), a etnobiologia estuda o conhecimento e as conceituações desenvolvidas por qualquer grupo cultural a respeito da biologia, estudando o papel da natureza no sistema de crenças e de adaptação desses grupos a determinados ambientes.

Sabemos que os indígenas são os povos originários do Brasil e, tradicionalmente, estão ligados à natureza e suas peculiaridades, conjugado com seus saberes empíricos produzindo saberes científicos. Com essa característica, conhecem muito bem a natureza, sabem viver no seu ambiente e, utilizam o que ele oferece de forma sustentável, isto é, para o próprio sustento, sem esgotar ou destruir os seus recursos naturais. Desta forma, a sabedoria desses povos pode ser aproveitada no desenvolvimento de melhorias das condições ambientais e sociais.

Segundo Posey (1987) o conhecimento dos povos tradicionais (indígenas e não-indígenas) não se enquadra em categorias e subdivisões, precisamente, definidas como as que a biologia tenta, artificialmente organizar. É importante afirmar também que a criação de uma etnociência da conservação foi influenciada nas décadas de 70 e 80 pelo surgimento e expansão de vários movimentos sócio-ambientais nos países tropicais, preocupados com a conservação e a melhoria das condições de vida da população rural. No Brasil, essa nova ciência acompanha o surgimento e fortalecimento do movimento dos povos indígenas, dos seringueiros e quilombolas com propostas concretas de áreas protegidas, como as reservas extrativistas.

37 ETNOCONHECIMENTO SOBRE OS CRUSTÁCEOS DECAPODOS DOS *SATERÉ- MAWÉ* DO ANDIRÁ - BARREIRINHA/AM

A Etnozoologia é definida como o estudo transdisciplinar dos pensamentos e percepções (conhecimentos e crenças), dos sentimentos (representações afetivas) e dos comportamentos (atitudes) (MARTIN, 1995) que intermedeiam as relações entre as populações humanas que os possuem com as espécies de animais dos ecossistemas que as incluem (SANTOS-FITA e COSTA-NETO, 2007). É um termo bastante utilizado cientificamente, mas que, de certa forma, é novo para os povos tradicionais *Sateré-Mawé*, sendo necessário para que seja compartilhado os conhecimentos empíricos da etnia comparados aos conhecimentos científicos.

Para que ocorra a troca de conhecimento, os indígenas precisam de um norte educacional, onde métodos de ensino estejam aliados aos seus costumes, valores, cultura e linguísticas. Fala-se muito em uma educação diferenciada, mas onde há equívocos, pois modelos implementados são formulados por pessoas que nem se quer sabem a realidade de um povo e, por fim inserem uma educação tradicional, imposta desde os primórdios da invasão no Brasil por missionários portugueses, que ocasionou a introdução da língua portuguesa e a supressão da língua dos *Sateré-Mawés*.

2. Material e Métodos

A área do estudo está localizada na jurisdição do município de Barreirinha – AM, nas proximidades entre a aldeia Ponta Alegres (hoje distrito) e Aldeia Vila Miquiles, como mostra a (figura 1). A população da Aldeia Ponta Alegre é predominante jovem, sendo 52% do sexo masculino. A aldeia de Ponta Alegre é a que concentra maior número de pessoas quando comparadas todas as aldeias da etnia na região.

Segundo a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) a terra indígena designada para os *Andira/Marau*, que são os *Sateré-Mawés* localizados no rio Andirá, possui 788.528 hectares e uma população aproximada de 14.268 pessoas. O território está localizado na jurisdição entre cinco municípios: Barreirinha (figura 1), Maués e Parintins, no Amazonas e; Aveiro e Itaituba, no Pará.

38 ETNOCONHECIMENTO SOBRE OS CRUSTÁCEOS DECAPODOS DOS *SATERÉ- MAWÉ* DO ANDIRÁ - BARREIRINHA/AM

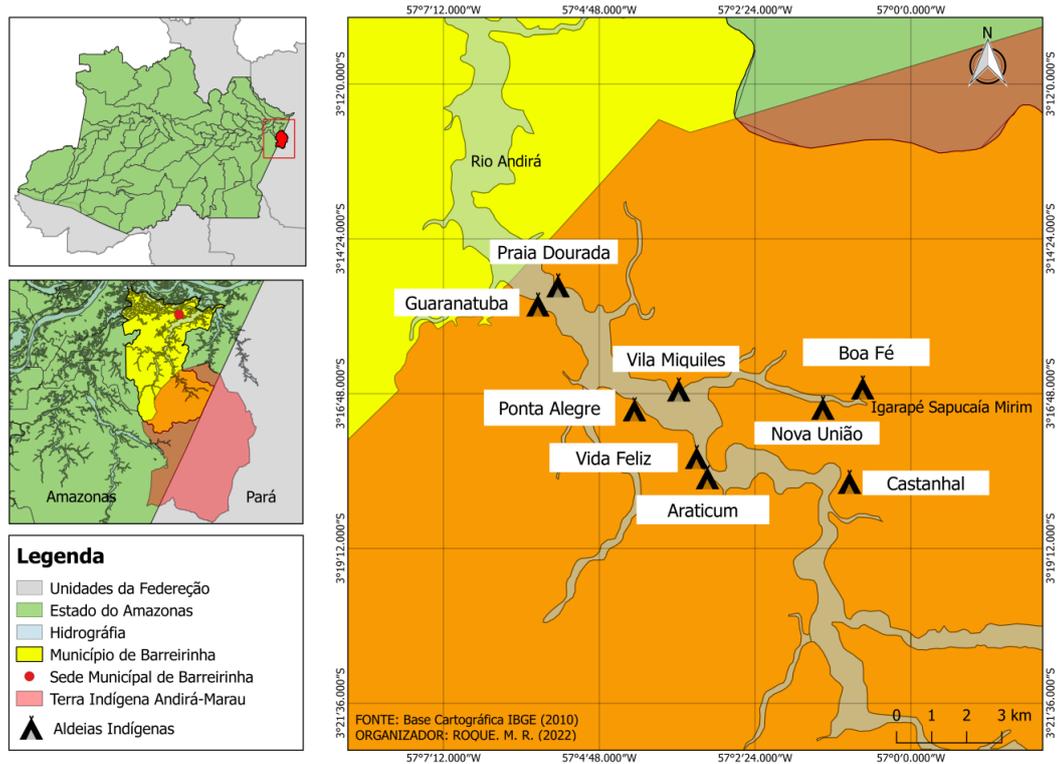


Figura 1 - Mapa de localização Terra Indígena Andirá - Município de Barreirinha/AM. Fonte: ROQUE, MR, (2022)

Por via fluvial, a distância entre Parintins/Am e a Aldeia Ponta Alegre é percorrida em torno de 9 h, em relação a Barreirinha/Am, cidade mais próxima, 5 horas.

2.1. Coleta os dados

Na obtenção dos dados para análise nesse estudo foi utilizado um questionário semiestruturado relacionado ao conhecimento dos representantes da etnia sobre os crustáceos decápodos. A metodologia foi baseada nos métodos etnobiológicos e etnoecológicos propostos por Albuquerque et al., (2010) e Vilá et al., (2022), que consistem de observação participante e atuação nos processos relacionados.

Marconi e Lakatos (2004) relatam que, na entrevista semiestruturada, o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. Usou-se essa metodologia, pois é uma forma de explorar mais amplamente os interesses presentes no questionário proposto, visto que os indígenas ainda têm certo "receio" ou "vergonha" de participar de tais entrevistas. Esses mesmos autores citam que o que diferencia o conhecimento científico do conhecimento popular é a forma, o método e os instrumentos do "conhecer". E fazendo um comparativo sobre as entrevistas, relacionado ao etnoconhecimento, podemos associar a afirmação da autora Japiassu (1991), que apresenta a noção de conhecimento como um processo, como uma história que, aos poucos e incessantemente, fazem-nos captar a realidade a ser conhecida.

39 ETNOCONHECIMENTO SOBRE OS CRUSTÁCEOS DECAPODOS DOS *SATERÉ- MAWÉ* DO ANDIRÁ - BARREIRINHA/AM

O estudo foi desenvolvido em três etapas distintas.

2.1.1 Primeira etapa

Foi preparado um questionário com perguntas relacionadas as espécies de crustáceos decápodos encontradas no local, com o objetivo de proceder de forma eficaz a comparação com os dados biológicos de tais espécies, encontrados na literatura. Para a adequação dos questionários foram realizadas pesquisas bibliográficas relacionadas ao etnoconhecimento ou saberes populares sobre caranguejos e camarões encontrados na região Amazônica, nesse processo, focou-se a etnia abordada no estudo. Então desenvolvido, o questionário possuía 20 perguntas, as quais tratavam, principalmente, da nomenclatura utilizada pelos *sateré-mawés* para a identificação de camarões e caranguejos; sobre o conhecimento das regiões corporais como: cefalotórax e abdome; do uso dessas espécies como alimento ou para outros fins; quais eram os animais que os predavam; importância ecológica e, quais os conhecimentos populares dos *sateré-mawé* relacionados a esses animais.

2.1.2 Segunda etapa

Na segunda etapa, as comunidades foram visitadas para que fossem aplicados os questionários. Durante esse processo foram escolhidos indivíduos da etnia com diferentes idades, visando a identificação da perda ou não do conhecimento sobre a linguagem, costumes, hábitos e conhecimentos tradicionais sobre o grupo estudado. Para que fossem realizadas as entrevistas, tivemos a autorização da FUNAI e das lideranças indígenas locais (Tuxauas da comunidade) e com os moradores, sempre deixando-os cientes do intuito da nossa pesquisa.

Foram entrevistados 10 indígenas entre adolescentes e adultos nas comunidades de Ponta Alegre e Vila Miquiles.

2.1.3 Terceira etapa

Na terceira e última etapa foi realizada a observação participante, momento em que foram realizadas as coletas de exemplares dos crustáceos decápodos com a ajuda dos moradores locais, momento em verificamos as técnicas utilizadas na captura dos crustáceos, observações sobre o conhecimento em relação a ecologia desses e, comparação para confirmação dos nomes das estruturas do corpo obtidos nas entrevistas.

3. Resultados e discussão

Os resultados obtidos indicaram um rico conhecimento da etnia sobre os crustáceos decápodos, o camarão (Pohiã) e o Caranguejo (Akát'a). Na linguagem, percebeu-se a diferenciação das estruturas corpóreas como: cefalotórax e abdome, como ocorre na ciência tradicional. Com a metodologia utilizada, identificamos usos, costumes e folclore relacionados a esses animais. Percebe-se nas entrevistas, transcritas abaixo em ordem decrescente de idade, que além da língua, muitos desses conhecimentos estão se perdendo nos mais jovens da etnia, o que pode estar ocorrendo pela introdução de recursos tecnológicos ou devido a penetração da língua portuguesa (LUCESI e PICANÇO, 2021).

Estudos sobre o etnoconhecimento dos *Sateré-Mawés*, principalmente, relacionados a aspectos biológicos e ecológicos de espécies animais são escassos, portanto, é necessário a troca de conhecimento com os indígenas com o objetivo de catalogar a maneira como conhecem sua realidade, seja cultural ou linguística. O resultado dessa pesquisa é produto de diálogos, escuta das histórias e coleta dados sistematizados por um questionário. Além disso, foram realizadas coletas para identificarmos a quais espécies os indígenas se referiam. Nessas coletas foram encontradas as espécies de camarões *Macrobrachium amazonicum* e *M. ferreirai* e de caranguejo *Dilocarcinus pagei*.

Os crustáceos decápodos são organismos importantes para a transição trófica entre o meio aquático e terrestre, participando como predador ou presa em várias cadeias alimentares. Boa parte da sua alimentação está baseada em matéria orgânica em decomposição, o que faz desses animais, os responsáveis por boa parte da reciclagem dos nutrientes nos ambientes aquáticos. Os camarões do gênero *Macrobrachium* são geralmente encontrados associados com a vegetação marginal submersa, em macrófitas, entre rochas, galhos, raízes e serrapilheira no leito dos cursos d'água (BAUER, 2004), principalmente, próximo das margens nos meses mais quentes (MANTELATTO et al., 2016; PANTALEÃO et al., 2018). A espécie *Macrobrachium amazonicum* está amplamente distribuída na região amazônica, podendo ainda ser encontrada em outras regiões do Brasil, principalmente, nas localidades do centro-oeste. São animais que chegam a ser transparentes, quase sem coloração (VENTURA et al., 2022), se alimenta de vegetais, filamentos de algas, larvas de insetos (MELO, 2003, BAUER, 2004) e de matéria orgânica vegetal e animal em decomposição. São ovíparos, apresentando muitos ovos pequenos (JURNIATTI et al, 2021).

Macrobrachium ferreirai, também típica da região amazônica, apresenta uma coloração escura devido ao sedimento que impregna no seu exoesqueleto. Também se alimenta de matéria orgânica animal e vegetal em decomposição e, são encontrados submersos entre rochas e galhos próximos às regiões marginais dos corpos d'água (PANTALEÃO et al., 2018). São animais ovíparos que vivem, geralmente, em igarapés.

O caranguejo *Dilocarcinus pagei*, vulgarmente, conhecido como caranguejo vermelho, apresenta durante seu ciclo de vida duas colorações, ainda jovem, o animal apresenta uma coloração escura, aproximada do marrom. Na fase adulta, esses animais

41 ETNOCONHECIMENTO SOBRE OS CRUSTÁCEOS DECAPODOS DOS *SATERÉ- MAWÉ* DO ANDIRÁ - BARREIRINHA/AM

apresentam a coloração avermelhada (TADDEI e HERRERA, 2010). Conhecidos como os “urubus” dos rios, a espécie se alimenta de matéria orgânica em decomposição (vegetal e animal) e, são encontrados submersos durante o dia e no ambiente terrestre a noite (TADDEI et al., 2015), muitos habitam, principalmente os machos, galerias formadas no substrato na margem dos corpos d’água. Sua reprodução depende dos ovos que são carregados pelas fêmeas, essas também carregam os filhotes até que estejam aptos para sobreviver. Apesar de serem animais aquáticos, esses caranguejos retiram seu oxigênio do ar atmosférico e, por isso, são frequentemente observados sobre galhos e raízes de macrófitas (TADDEI e HERRERA, 2010). A reprodução da espécie ocorre durante o período da seca nos rios da Amazônia, momento em que esses animais são observados em áreas úmidas ricas em vegetação.

Conforme as primeiras perguntas “Como são chamados os camarões e caranguejos? É conhecido mais de um tipo?”. Os entrevistados 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10, foram unânimes em dizer que só se conhece como camarão e caranguejo, com duas pessoas especificando como se chamam no dialeto *Sateré-Mawé*, e que há dois tipos de camarões e caranguejos, sendo que uns falaram que tem um de beira de rio e outro de mais profundidade, já outros falam que tem dois tipos, um do rio e outro da mata, que vivem em buracos.

Foram entrevistados indígenas crianças e adultos, crianças da faixa etária de 12 anos de idade, e adultos com idade variando de 30 a 60 anos. No total foram 10 entrevistados, sendo duas do sexo feminino e oito do sexo masculino.

No momento da entrevista, com o auxílio do questionário, o objetivo foi o de entender e catalogar o conhecimento dos *Sateré-Mawés* sobre os crustáceos decápodos na região, como eram chamados, quais as partes que constituem seu corpo, quais as interações ecológicas eles conheciam (predador – presa) e, qual a importância desses animais para o meio ambiente.

Quando se fala em caranguejo e o camarão é difícil o Sateré entender, não é como a paca, cotia e a história do macaco e do tatu, pois esse animal sabe-se que eles convivem na floresta[...] nós não falamos como o branco fala, aqui conhecemos como um inseto que vive na mata...mas na nossa língua Sateré com pahiã (camarão) e açá-á (caranguejo). Esses animais são pescados por homens e mulheres [...] E aparecem mais no tempo da seca, no verão que eles aparecem, na cheia eles não aparecem, pois alaga tudo, e na seca aparecem nas pedras e paus podre... E acho que é importante o camarão porque, o povo indígena utiliza como isca para pescar peixes maiores (Tui’sa Andirá 1, 63 anos).

Conhecemos como camarão e caranguejo mesmo na linguagem dos brancos, mas no nosso dialeto chamamos de pahiã (camarão) e açá-á (caranguejo) [...] serve para isca e para alimentação também, tem gente que come isso, nós comemos também, a gente prepara ele assado e só [...] Não pescamos, nós encontramos nas pedras nos buraco de pau... Quem mais pega eles são os homens [...] Para gente pegar os camarões colocamos a pedra na água ou corta um pedaço de embaúba e faz um furo e coloca a mandioca mole e os camarão entram e nós pegamos para isca[...] com o camarão pescamos os peixes, acará Açú, jacundá, acará preto[...] E eles aparecem mais no tempo do verão, só na seca, pois na enchente é difícil encontrarmos eles [...] E eles estão desaparecendo, por que as pessoas perseguem muito esse tipo de isca...e a alimentação deles é a mandioca e limo[...] Olha como medicamento utilizamos

42 ETNOCONHECIMENTO SOBRE OS CRUSTÁCEOS DECAPODOS DOS *SATERÉ- MAWÉ* DO ANDIRÁ - BARREIRINHA/AM

o caranguejo para cuidar da asma da criança, onde a gente queima e cõa para dar para criança...e a reprodução do camarão e do caranguejo é através dos ovos.(Tui'sa Andirá 2, 60 anos)

Conhecemos como camarão e caranguejo, mas o camarão tem dois tipos o camarão preto e o vermelho, os vermelhos se localiza mais na beirada do rio, e os preto mais no fundo [...]Os caranguejos só conheço um tipo[...]utilizado na alimentação e como isca, e são mais preparado eles assados...Os grupos que mais pescam são os homens [...] Pegamos através das pedras, mandioca mole ou faz podre alguns peixes e eles se juntam aí pegamos eles[...] As partes chamamos como cabeça, corpo, rabo [...] Fora alimentação utilizamos o camarão para curar o cachorro para que ele não faça vezes dentro de casa [...] Estão desaparecendo devido não ter muito por aqui, e devido não ter muita poluição aqui[...] Já encontramos os camarões no bucho de peixe, cará, jacundá, bararuá, os caranguejos os pássaros carão comem [...] Eles se reproduzem através de ovos [...] É importante para pescaria e também quando a água se polui. (Mehin Andirá 3, 38 anos)

Os camarões aqui pra gente é chamado na língua Sateré de pohlã, e até no momento a gente sabe que tem apenas um tipo, mas a característica tipo meio avermelhado, preto esse são a característica né, a diferença das cores dele, pois a fêmea é meio roxa, que não tem quase contato com temperatura, como exemplo o calor da água, já o vermelho, eles são um pouco vermelho por que ficam, vamos dizer próximo da beirada ta, onde a água é um pouco morna, por isso eles ficam um pouco vermelho, e os a fêmea tipo roxo moram um pouco onde é frio por isso que ele é roxo [...] o caranguejo na língua Sateré é aca-á, mas também tem outros tipos de caranguejo tá, tipo os caranguejos que moram em terra e também que moram na água...O camarão pra cá é preparado assado, uns puquecam (método de assar o camarão ou peixes embrulhados em folhas de bananeira ou caxiri), da mesma forma o caranguejo tem uns que cozem o caranguejo, corta o cheiro verde, colocam na panela e cozem , uns puquecam, uns assam mermo, esses aí são o tipo de preparo.[...] sobre o caranguejo dizem, mas nem todo caranguejo também, tipo no caso o caranguejo esse que mora em terra eles dizem quando é moça nova não se guarda, dizem que quando aquele caranguejo vem até a casa da gente, porque vai acontecer algo, segundo a história dos antigos e também se for a noite alguma coisa vai acontecer, do camarão a gente não vê muito por aqui.[...] no caso pra nós na língua Sateré, o corpo se chama ipit, ipiit né, que é o corpo, aí o rabo é ruaipó, iacangue é a cabeça, ruaipipé é aquele nadadeira dele [...] o camarão pra gente pra cá aparece mais na época da seca, que os paus ficam distante né, aí os paus que ficam n'água, as pedras aí eles se agasalham embaixo daquele e moram lá dentro, por esse motivo é mais encontrado na seca e o caranguejo também da mesma forma, mas pra uma característica tipo quando enche o camarão tu só vai encontrar na enchente no fim do igarapé. [...] para nós o camarão se alimenta de limo, mandioca mole, peixe podre esses aí ele se alimenta, que geralmente a gente vê quando a gente tá pescando a gente vê que eles comem peixe podre o caranguejo também como peixe podre, a mandioca mole, os limos esses aí [...] tipo a gente vê mais na barriga do jacundá o camarão, que a gente vê mesmo que se alimenta de camarão é o jacundá, porque ele entra debaixo das tronqueiras e vai mexendo lá por dentro e ele se alimenta desses camarão e também do caranguejo, tipo pequeno né, agora o grandão talvez ele pode comer, mas não é tão fácil, porque ele se esconde [...] o gavião panema se alimenta do camarão e do caranguejo, porque tem algumas vezes que o caranguejo sai para ficar no pau, a coruja também come o caranguejo [...] acredito que o camarão aparece, porque ele se reproduz, o caranguejo, o camarão se reproduz através de ovos então disso aí , como é muito atacado eles procuram um meio pra se esconder [...] pra cá pra nós, no caso o camarão, a gente acredita quando ta criando um cachorrinho e faz muito coco na casa da gente ou mija, aí a gente dá o camarão aí, pode tá até chovendo , mas ele sai pra fora pra fazer as fezes fora

43 **ETNOCONHECIMENTO SOBRE OS CRUSTÁCEOS DECAPODOS DOS SATERÉ- MAWÉ DO ANDIRÁ**
- BARREIRINHA/AM

[...] até o momento não, não tem ninguém que se dedica da pesca para comercialização né [...] a importância pra natureza é que ele pode, vamos dizer eliminar alguns bichinhos que podem fazer mal para outros tipos de animais, acho que é dessa forma. (Mehin Andirá 4, 34 anos)

No meu ponto de vista têm dois tipos de camarão os pequenos e os maiores, os pequenos se reproduzem pequenos mesmo e os grandes se reproduzem grandes também, já os caranguejos têm dois tipos também, tem aquelas que só vivem n'água e tem uma que vive somente na mata, que é chamado Mangurá [...] tem gente que faz isso, tem gente que só pesca pra isca, a minoria das pessoas que vivem aqui nesta comunidade ainda se alimenta de caranguejo ainda [...] muitas vezes aqui pra nós é preparado somente ele, assado [...] depende os homens utilizam mais na época da seca pra isca, já as mulheres quando lavam a mandioca mole, elas acham lá e pegam também, as crianças são as que mais utilizam devido os grupinhos pela beirada, ai pegam mais, as crianças pescam mais [...] pra pegar os camarões os adultos utilizam uma isca como peixinho e assam malamal ai colocam num depósito ou paneirinho chamado matapi, ai lá eles coloca os peixe assado e outro ou meia pegam pra capturar camarões [...] do camarão eu praticamente não me lembro se há um folclore sobre isso, agora o caranguejo tem como os antepassados usavam como mitologia, eles contavam que o caranguejo é o peito de uma mulher que foi transformada pra essa terra, o caranguejo foi feito do tronco de uma mulher, esse corpo que é o caranguejo, antigamente era transformado em mesa que é utilizado para colocar nosso corpo quando a gente morre [...] aparece mais no tempo da seca, porque na época da seca tem mais buraco de pau e tem muito limo, por isso aparece mais na época da seca [...] sim, está desaparecendo no meu ponto devido o estrago do homem no meio ambiente que vive, por causa disso as vezes a, os animais os bichinhos se afastam um pouco devido esses estrago que as vezes o homem faz ao meio ambiente [...] os camarões e os caranguejos se alimentam realmente quando acham mesmo eles podem os peixes podres, animais podres, qualquer coisa que eles acham pra eles é um alimento [...] sim, o jacundá principalmente é um, o camarão é o comida ideal pra ele, já os pirarucu se alimentam também de caranguejo e de camarão também, os acarás, acará pororoca, acará pixuna que é chamado, esses são os que mais se alimentam desse animais ai, esses bichinhos [...] sim, o soco no caso, ele come todo tipo de peixe, devido à seca a gente acha o soco então a garça que ficam coletando os bichinhos, isentos que ficam pela beirada, mas principalmente o camarão, agora o caranguejo é difícil [...] o camarão ele vem, realmente vem dos buracos das pedras, debaixo das folhas que existe lá no fundo, o caranguejo é a mesma coisa, que o caranguejo e o camarão são quase da mesma espécie, já o caranguejo que vive na mata que as vezes a gente encontra, mas como falei sobre a mitologia o caranguejo que vive na mata só encontra a gente quando realmente vai acontecer coisa boa, se você achar um caranguejo daquele tipo de dia não vai achar, porque ele fica parado, se isso acontecer é porque vai acontecer coisa boa contigo [...] os camarão se reproduz através de ovos, caranguejo a mesma coisa, os caranguejos que vivem n'água se reproduzem n'água, já os caranguejos que a gente acha na floresta eles se reproduzem no chão, no buraco da terra [...] o camarão e caranguejo no meu ponto de vista são importante pra natureza, por exemplo eles são coletores daqueles, das coisa que realmente o fundo do rio, a água recebe, as vezes como tenho dito o ser humano as vezes ele tem essa culpa de sujar o meio ambiente a água onde ele convive, mas os caranguejos, os animais, são aqueles bichinhos que limpam o que é suja, realmente assim, porque eles se alimentam dos restos de comidas, que as pessoas joga fora e qualquer coisa que as vezes sujam o meio ambiente. (Mehin Andirá 5, 38 anos)

Que eu saiba ne, camarão e caranguejo só conhecemos um tipo mesmo[...]sim utilizamos na alimentação e o caranguejo também , algumas pessoas comem eles[...] quem mais pesca são os homens né, os jovens também e as crianças de 12 anos também pescam esses camarões [...] que eu saiba não existe folclore

44 ETNOCONHECIMENTO SOBRE OS CRUSTÁCEOS DECAPODOS DOS *SATERÉ- MAWÉ* DO ANDIRÁ - BARREIRINHA/AM

sobre eles[...] o nome das partes só cabeça e o corpo mesmo né, que eu me lembre só esses mesmo[...] só utilizamos principalmente para isca né [...]eles aparecem mais na época do verão né, onde a água vai baixando e os paus aparecem mais, pedras que tem buraco né, eles aparecem mais[...] estão desaparecendo sim, devido o crescimento da nossa população, pois eles são muito procurado para servirem de isca para capturar os peixes, e muitas das vezes não terem um ambiente perfeito para eles[...] eles se alimentam de resto de animais, casca de mandioca, limo acho que esses daí, o caranguejo se alimenta da mesma coisa que o camarão[...] já vi em vários tipos de peixe, como jacundá, acará, tucunaré [...] em outros animais já vi os socó comerem os camarões e camarão também , pois o socó e a garça eles ficam catando na beira do rio né [...] para mim eu acredito do fundo do mar, pois lá eles tem muito predadores, ai eles fogem mais para beira [...] que eu saiba não existe medicamentos[...] aqui na área indígena não existe venda do camarão [...] para mim eles se reproduzem através de ovos ne [...] a importância desses animais são na limpeza da natureza, principalmente onde tem resto de animais né, eles limpam aquele ambiente lá né e são muito importante para natureza. (Mehin Andirá 6, 27 anos)

Conheço como pohiã só, caranguejo só como Aca-á, e somente esses conheço, mulheres, homens e crianças pescam eles. [...] também são utilizados para isca e alimentação [...] São preparados assado e empuquecado[...] se pega nas pedras, paus podre e folhas na beirada[...] Aparecem na seca, pois tem filhos e tem mais pedras e paus no tempo da seca[...] eles se alimentam de casca de mandioca, e a gente acha mais eles, em peixe podre e o camarão também se alimenta da mesma coisa. [...] acredito que só vem do rio o camarão e caranguejo [...] não utilizo como medicamento [...] por aqui não tem comercialização só na cidade[...] não sei dizer qual importância para o meio ambiente. (Piã Andirá 7, 36 anos).

Eu conheço só é mesmo o camarão e caranguejo [...] camarão só conheço um, o caranguejo eu já vi dois, um que vive na água e outro que vive em terra [...] o caranguejo não temos costume como alimentação, mas o camarão sim [...] o camarão a gente come assado [...] mulheres, meninos, os que conhecem para pescar eles utilizam [...] pescamos na pedra, pau oco que tem no fundo, folhas [...] não existe folclore, que eu conheça não [...] só conheço como cabeça, rabo, corpo [...] não conheço se usam para medicamentos [...] fora alimentação eu não sei se usam [...] no tempo do verão, quando a água seca eles aparecem para se reproduzir, pois quando coletamos eles estão tudo ovado [...] por aqui nessa região eu acredito que não estão sumindo[...] eles se alimentam de limo, casca de mandioca quando tem e é colocado na água eles se alimentam disso[...] já vi o caranguejo na barriga de uns peixe liso, e o camarão vi no bucho do acará preto, jacundá[...] eu acredito que eles vêm da água mesmo [...] não existe pesca para venda aqui na área indígena, somente para pesca[...] eu acredito que eles fazem parte da natureza mesmo, pois eles vivem na água, em terra quando eles saem para se reproduzir e isso é importante para natureza também né. (Piã Andirá 8, 24 anos)

Só conheço só camarão e caranguejo, e têm dois tipo os mais vermelho e o cinza, caranguejo só conheço um o do igapó [...] não a gente usa mais para pescar outros peixes[...] não usamos em outra comida[...] a gente pesca nos paus com buraco, nas pedras que são as casas dele que nós diz né, os caranguejos a gente encontra mais a noite nos igapó[...] só chamamos como cabeça, corpo, rabo e a barba deles[...] na época da seca a gente vê muitos os camarões e caranguejo se reproduzir, os caranguejos levam os filhos na barriga e a gente só vê quando eles já vem de terra[...] eles estão desaparecendo, a gente não vê mais muito agora[...] os camarões e caranguejo se alimentam de casca de mandioca quando a gente coloca na água, comem outros animais também e resto de comida[...] já vi na barriga do tucunaré, jacundá e outros acarás que a gente pesca[...] ainda não vi aves se alimentar de camarão e caranguejo[...] não existe

45 ETNOCONHECIMENTO SOBRE OS CRUSTÁCEOS DECAPODOS DOS *SATERÉ- MAWÉ* DO ANDIRÁ - BARREIRINHA/AM

folclore[...] acredito que vem do rio mesmo[...] não existe venda de camarão aqui[...] não sei se usa para medicamento[...] é muito bom para gente, pois a gente utiliza para pescar com esses animais né. (Curum Andirá 9, 16 anos)

A gente só conhece já o camarão e caranguejo mesmo, camarão vermelho e o cinza, no sateré não sabem como falar, pois não falamos mais quase no língua[...] quando a gente pesca muito a gente come os camarões, mas usamos mais para isca para pescar acarás e jacundá [...] a gente coloca as pedras no fundo rio e pau com buraco também para que eles entrem e depois pegamos para pescar não sei se tem folclore[...] chamamos as parte de cabeça, corpo, barba e rabo[...] eles aparecem mais na seca e os paus aparecem mais e pedras também[...] acho que não estão desaparecendo, pois na seca aparece muito quando jogamos casca de mandioca e resto de animais no rio, pegamos até com a mão os camarões [...] a gente vê muito camarão no bucho do peixe, porque sempre pescamos com essa isca[...] na beira do rio a gente vê o socó capturando o camarão e as vezes o caranguejo [...] não sei como eles se reproduzem[...] eles vêm do rio mesmo[...] não sei dizer qual é importância para natureza.(Curum Andirá 10, 12 anos)

Denominações

Tui'sa Andirá (Tuxaua, liderança indígena do rio Andirá)

Mehin Andirá (Rapaz, homem indígena pertencente ao rio Andirá)

Piã Andirá (Moça, mulher indígena pertencente ao rio Andirá)

Curum Andirá (Adolescente, menino indígena pertencente ao rio Andirá)

Empuquecar/empuquecado (método de assar peixes ou camarão embrulhados na folha de bananeiras ou caxiri (tipo de folha conhecida pelos indígenas Sateré).

Destacam-se nas entrevistas os relatos que reafirmam os dados obtidos pela ciência relacionada aos crustáceos decápodos, dentre eles, a observação dos animais no verão, momento em que eles saem da água para a reprodução e, além disso, sua localização junto a vegetação subaquática e a atração desses animais por águas com maior temperatura. Outro fator muito citado é a relação com a alimentação da matéria orgânica em decomposição, muitas vezes utilizada como isca para a captura desses crustáceos. Sobre a reprodução, é recorrente o conhecimento sobre a característica ovípara das espécies. A participação nas cadeias tróficas aquáticas também foi identificada nos relatos, atuando como detritívoros durante a alimentação da matéria em decomposição, predadores de larvas de insetos e como presas de várias espécies de peixes. É também conhecida sua função ecológica na transição dos recursos aquáticos para os terrestres, caracterizada pelas citações da predação por aves. Nota-se nos relatos, principalmente, nos de maior idade, a preocupação com o desaparecimento dessas espécies, fato observado na literatura por Taddei et al., (2019).

Com os dados obtidos nas entrevistas, nas perguntas relacionadas as partes do corpo desses animais, foi possível montar um quadro no dialeto *Sateré*, enfatizando as partes (regiões) de caranguejos e camarões, reconhecendo como são chamadas ou conhecidas pelos indígenas do rio Andirá, pertencente à etnia *Sateré-Mawé*, conforme o quadro 1 e, também os desenhos ilustrativos dos crustáceos coletados com suas respectivas legendas (Figura 2 e Figura 3).

46 **ETNOCONHECIMENTO SOBRE OS CRUSTÁCEOS DECAPODOS DOS *SATERÉ- MAWÉ* DO ANDIRÁ - BARREIRINHA/AM**

3.1 Quadro Bilíngue *Sateré-Mawé* / Português

O quadro bilíngue apresentado abaixo é seguido por desenhos ilustrativos para facilitar a compreensão e identificação das determinadas partes do corpo dos crustáceos decápodos (camarões e caranguejos) contendo nome científico, popular, dialeto *Sateré-Mawé*, pronúncia e a tradução em português.

Quadro 1: Quadro bilíngue das estruturas dos Crustáceos Decápodos

TABELA DE TRADUÇÃO SATERÉ MAWÉ – CRUSTÁCEOS DECAPODOS			
NOME POPULAR/TERMO CIENTÍFICO	DIALETO SATERÉ MAWÉ	PRONÚNCIA	TRADUÇÃO
Camarão/ <i>Macrobrachium</i>	Pohiã	Porrian	Camarão
Caranguejo/ <i>Valdivia</i>	Akát'a	Aca - á	Caranguejo
Cabeça	Akag	Acan - gui	Cabeça
Corpo	Ipít	I - piiite	Corpo
Olho	Iha	Irrá	Olho
Boca	Wê	wen	Boca
Barbatana	Iwê sap	wen sápi	Barbatana
Carapaça	I'ape	Ia - pé	Casca/casco
Abdome	Hunmy'a	Rum - mum -ia	Barriga
Braços/ Quelípodos	Ipo'yp	Ipó - up	Braço
Nadadeira/ Pleópodos	Huwaipype	Ru - ai - pú - pé	Nadadeira
Cauda/ Urópodo	Huwaipo	Ru - ai - pó	Rabo

Fonte: Autor.

3.2 Crustáceo Decápodo: Camarão

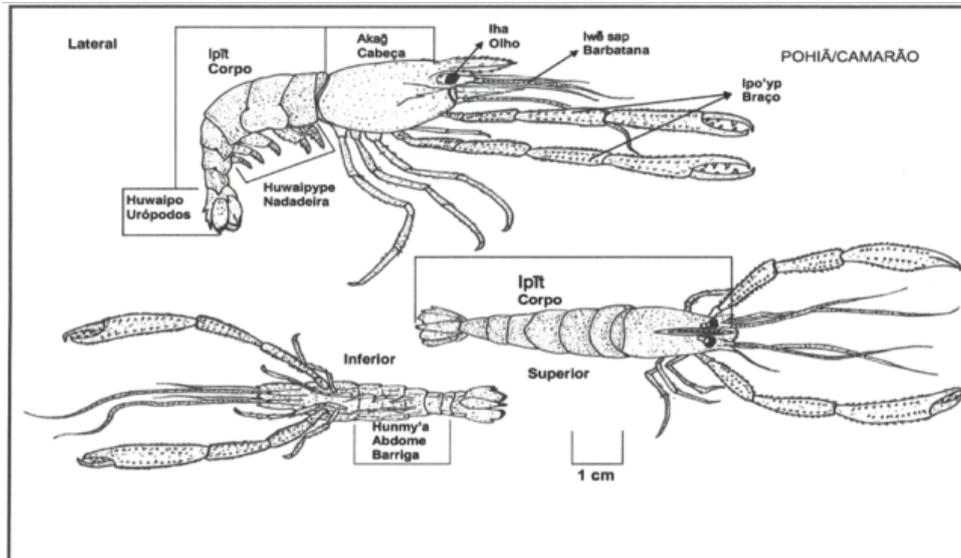


Figura 2: *Macrobrachium ferreirai* (Kensley Walker, 1982). Descrição bilíngue das estruturas do camarão. Fonte: Autor.

3.3 Crustáceo Decápodo: Caranguejo

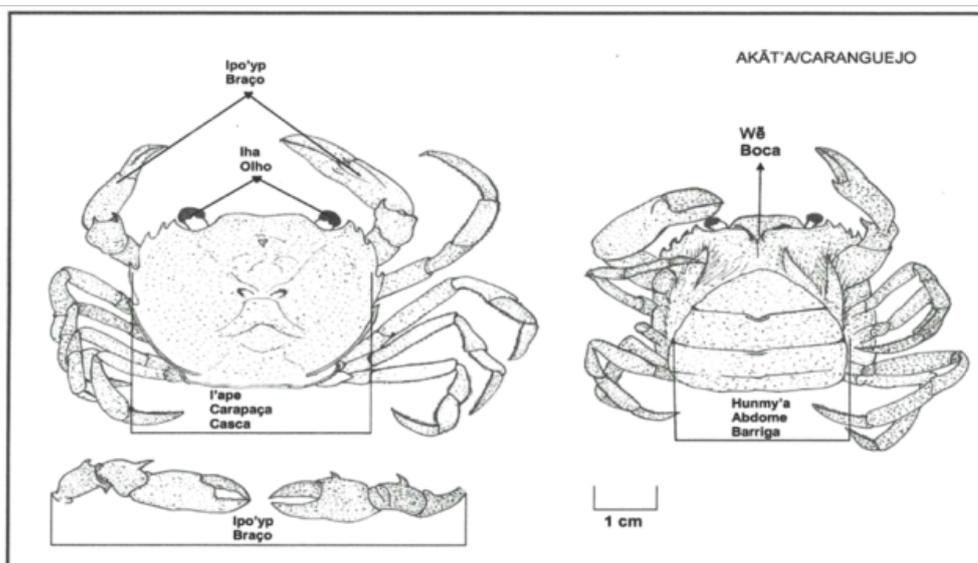


Figura 3: *Dilocarcinus pagei* Stimpson, 1861. Descrição bilíngue das estruturas do caranguejo. Fonte: Autor.

4. Conclusões

Os resultados obtidos comprovaram que existe um considerável conhecimento dos *sateré-mawés* sobre os crustáceos decápodos. Desde as regiões corporais até aspectos da sua bio-ecologia. Verificou-se que os indígenas *Sateré-Mawé*, mesmo sem ter o domínio dos estudos científicos, têm uma noção dos hábitos dos crustáceos e, que conhecem mais de uma espécie, contudo, em seu dialeto, é apenas chamado de Pohnã (camarão) e Akát'a (caranguejo). Podemos catalogar, baseado no conhecimento da etnia, espécies de peixes e aves predadoras dos crustáceos abordados e que, poucos indígenas alimentam-se desses animais, os quais servem como isca para a pesca artesanal de peixes como: jacundá, acará pororoca, acará preto. Notou-se ainda, principalmente, nos entrevistados com mais idade, que esses crustáceos apresentam crenças relacionadas com curas de enfermidades, sorte e comportamento dos humanos.

Apesar de ter uma cultura abundante, notou-se nos indivíduos mais jovens da etnia, uma perda considerável do conhecimento tradicional. Percebeu-se a perda do dialeto, assim como, dos conhecimentos dos usos e costumes em relação aos crustáceos. Fato que, provavelmente, está relacionado a inserção das ferramentas tecnológicas (televisão, celulares, computadores) dentro da aldeia, muitos jovens não tem mais o hábito de pescar e, até mesmo, estão perdendo ou já perderam a fluência no dialeto *Sateré-Mawé*.

Em complemento ao presente, futuros estudos devem focar, especificamente, no conhecimento da etnia sobre a biologia e ecologia dos crustáceos, identificando saberes tradicionais sobre esse grupo de animais. Tais estudos poderão conter informações novas e complementares para a ciência tradicional, assim como, agregar novos conhecimentos ao estudo do grupo, possibilitando ainda, ampliar o resgate da cultura *Sateré-Mawé*.

5. Agradecimentos

Os autores agradecem ao Tuxaua geral, Sr. Amado Menezes (*in memoriam*), ao Tuxaua da Vila Miquiles, Sr. João Miquiles e ao coordenador local da Funai, Sr. Sérgio Butel. O estudo foi desenvolvido de acordo com as legislações nacionais pertinentes, sob a autorização da Funai: CTL Funai-Parintins/CL Manaus – no. 00.059.311/0003/98.

Referências –

ALBUQUERQUE, U. P.; PAIVA DE LUCENA, R. F.; CUZ DA CUNHA, L. V. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**, Recife, v. 559, p. 51 -60, 2010.

49 **ETNOCONHECIMENTO SOBRE OS CRUSTÁCEOS DECAPODOS DOS SATERÉ- MAWÉ DO ANDIRÁ - BARREIRINHA/AM**

ALMEIDA, J. R. **Organizações indígenas e as estratégias para a gestão do território: uma análise a partir do Consórcio dos Produtores Sateré-Mawé (CPSM)**. 2021. 180 f. Dissertação (PGSS - Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus.

BAUER, R. T. **Remarkable shrimps: adaptations and natural history of the Carideans**. 2ed. Norman, University of Oklahoma Press, 2004. 279p.

BERNAL, R. J. **Índios urbanos: processo de reconformação das identidades étnicas indígenas em Manaus**. 1. ed., Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009. 334 p.

BOTELHO, J. B.; WEIGEL, V.; Augusta C. M. **Comunidade sateré-mawé Y'Apirehyt: ritual e saúde na periferia urbana de Manaus**, Manguinhos, Rio de Janeiro, v.18, n.3, p. 723-744, 2011.

CARNEIRO, D. S.; **Construções negativas em sateré-mawé**. 2012. 123 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Letras e Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

CARVALHO, J. M.; TRICÁRICO, L. T. Signos identitários do Sámi e Sateré-Mawé: fatores de indução para o turismo étnico indígena. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 16, p. 1 – 16, 2022.

CASTRO, T. G.; SCHUCH I.; CONDE, W. L.; VEIGA, J.; LEITE, M. S.; DUTRA, C. L. C.; BARUFALDI, L. A. Estado nutricional dos indígenas Kaingáng matriculados em escolas indígenas do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 26, p. 1766-1776, 2010.

CÓRDULA, E. B. L. Etnoconhecimento e a escola para um futuro sustentável. **Revista Educação Pública**, v. 14, n. 7, p. 1 – 2, 2014.

CUMBERLIDGE, N.; ALVAREZ, F.; VILLALOBOS, J. L. 2014. Results, of the global conservation assessment of the freshwater crabs (Brachyura, Pseudothelphusidae and Trichodactylidae): The Neotropical region, with an update on diversity. In: WERHTMANN I. S; BAUER, R. T. (Eds) **Proceedings of the Summer Meeting of the Crustacean Society and the Latin American Association of Carcinology**, Costa Rica, 2013. p. 133 – 157.

ESTEVES, C. D. **Prática pedagógica e construção da identidade sateré-mawé: escola Wenteru-ponte entre o passado e o presente**. 2008. 112 f. Dissertação (Processos, Educação, Cultura e Desafios Amazônicos – Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

FRANCESCHINI, D. Os demonstrativos em Sateré-Mawé (Tupí). **Novos estudos sobre línguas indígenas**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, p. 59-68, 2005.

JAPIASSU, H. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 6 ed. Rio de Janeiro, Editora Francisco Alves, 1991. 200 p.

JURNIATI, J.; ARFIATI, D.; MS-HERTIKA, A.; KURNIAWAN, A. Morphometric-meristic characters and Length-Weight relationships of *Macrobrachium mammillodactylus* (Thallwitz, 1892) inhabiting Downstream of Rongkong Watershed, South Sulawesi, Indonesia. **Egyptian Journal of Aquatic Biology and Fisheries**, v.25, n.1, p. 91-110, 2021.

50 **ETNOCONHECIMENTO SOBRE OS CRUSTÁCEOS DECAPODOS DOS SATERÉ- MAWÉ DO ANDIRÁ - BARREIRINHA/AM**

LIMA, J. F.; SANTOS, T. S. Aspectos econômicos e higiênico-sanitários da comercialização de camarões de água doce em feiras livres de Macapá e Santana, Estado do Amapá. **Biota Amazônia**, v. 4, n. 1, p. 1-8, 2014.

LUCCHESI, D; PICANÇO, H. Análise sociolinguística da variação na concordância nominal de gênero no português indígena sateré-mawé da Amazônia. **Confluência**, p. 36-80, 2021.

MAGALHÃES, C. V. F. **Revisão Taxonômica dos caranguejos dulcícolas da Família Trichodactylidae. Crustacea: Decapoda: Brachyura**. 1991. 175 f. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas/Zoologia) - Instituto de Biociências da USP, São Paulo.

MAGALHÃES, C. Diversity and abundance of decapods crustaceans in the Rio Negro basin, Pantanal, Mato Grosso do Sul, Brazil. In: CHERNOFF, B.; ALONSO, L. E. **A biological assessment of the aquatic ecosystems of the Pantanal, Mato Grosso do Sul, Brazil**. Washington, USA, 2000. p. 56-62.

MAGALHÃES, C. Famílias Pseudothelphusidae Trichodactylidae. In: Melo, G.A. S. (Ed.) **Manual de identificação dos Crustacea Decapoda de água doce do Brasil**. São Paulo, Brazil, Editora Loyola. 2003. p. 143 – 287.

MANTELATTO, F. L.; PILEGGI, L. G.; MAGALHÃES, C.; CARVALHO, F. L.; ROCHA, S. S.; MOSSOLIN, E. C.; ROSSI, N.; BUENO, S. L. S. Avaliação dos Camarões Palemonídeos (Decapoda: Palaemonidae), Cap. 20, p. 252-267. In: PINHEIRO, M.A.A.; BOOS, H. (Org.). **Livro Vermelho dos Crustáceos do Brasil: Avaliação 2010-2014**. Porto Alegre, RS: Sociedade Brasileira de Carcinologia - SBC, 2016, 466 p.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. 2004. **Metodologia de Pesquisa**. 1 ed. São Paulo, Atlas, 256p.

MARTIN, G. J. 1995. **Ethnobotany, a methods manual**. 1 ed. London, Chapman & Hall, 268p.

MELO, G. A. S. **Manual de Identificação dos Crustacea Decapoda de Água Doce do Brasil**. 1 ed. São Paulo, Edições Loyola, 2003. 429p.

PANTALEÃO, J. A. F.; CARVALHO-BATISTA, A.; TEODORO, S. S.; COSTA, R. C. The influence of environmental variables in the reproductive performance of *Macrobrachium amazonicum* (Heller, 1862) (Caridea: Palaemonidae) females in a continental population. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, v.90, p.1445-1458, 2018.

PEREIRA, N. **Os índios Maués**. 1ed. Rio de Janeiro, Organizações Simões, 1954. 176 p.

POSEY, D. A. Etnobiologia: teoria e prática. **Suma etnológica brasileira**, v. 1, p. 15-25, 1987.

SANTOS-FITA, D.; COSTA-NETO, E. M. As interações entre os seres humanos e os animais: a contribuição da etnozologia. **Biotemas**, v. 20, n. 4, p. 99-110, 2007.

SAWAIA, B. B.; ALBUQUERQUE, R.; BUSARELLO, F. R. O paradoxo do isolamento na pandemia segundo o povo indígena Sateré-Mawé/AM. **Psicologia & Sociedade**, v. 32, p. 1-19, 2020.

SIMAS, H. C. P.; LUCCHESI, D. O português indígena sateré-mawé: um projeto de pesquisa sociolinguística. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 23, n. 4, p. 1076-1096, 2020.

51 **ETNOCONHECIMENTO SOBRE OS CRUSTÁCEOS DECAPODOS DOS SATERÉ- MAWÉ DO ANDIRÁ - BARREIRINHA/AM**

SOUSA, R. X.; HERRERA, H. G.; ALBUQUERQUE, R. Questões Sateré-Mawé (AM) a partir de um olhar folkcomunicação. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 17, n. 38, p. 13-29, 2019.

TADDEI, F. G.; HERRERA, D. R. Growth of the crab *Dilocarcinus pagei* Stimpson, 1861(Crustacea, Brachyura, Trichodactylidae) in the Barra Mansa Dam, Mendonca, SP. **Boletim do Instituto de Pesca Sao Paulo**, v. 36, n. 2, p. 99-110, 2010.

TADDEI, F. G., DAVANSO, T. M., CASTIGLIONI, L., HERRERA, D. R., FRANSOZO, A.; DA COSTA, R. C. Population structure, recruitment, and mortality of the freshwater crab *Dilocarcinus pagei* Stimpson, 1861 (Brachyura, Trichodactylidae) in Southeastern Brazil. **Invertebrate Reproduction & Development**, v. 59, n. 4, p. 189-199, 2015.

TADDEI, F. G.; DA SILVA, D. X.; PEREIRA, F. A. Metodologia para a introdução do manejo comunitário na pesca artesanal do camarão *Macrobrachium amazonicum* nas comunidades de Parintins/Am. **Marupiará| Revista Científica do CESP/UEA**, n. 4, p. 80-101, 2019.

TEIXEIRA, P.; MAINBOURG, E. M. T.; BRASIL, M. Migração do povo indígena Sateré-Mawé em dois contextos urbanos distintos na Amazônia. **Caderno Crth**, v. 22, p. 531-546, 2009.

UGGÉ, E. Indio, signore dei fiumi. Mondo e Missione, Milano. **P.I.M.E.**, v. 114, n. 6, p. 173-197, 1985.

VENTURA, E.; WINICK-SILVA, A.; SHINOZAKI-MENDES, R. A. Relative growth and reproductive biology of females of *Macrobrachium amazonicum* (Heller, 1862) (Decapoda: Caridea: Palaemonidae) in the semiarid Northeast Region, Brazil. **Journal of Crustacean Biology**, v.42, n.1, ruab078, 2022.

VILÁ, B.; BALDO, J.; ROJO, V.; JULÍAN, R.; OXMAN, B.; ARZAMENDIA, Y. Miradas etnobiológicas en la Puna de Argentina. **Ethnoscintia-Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology**, v. 7, n. 3, p. 9-35, 2022.

Recebido em: 06/09/2022

Aprovado em: 13/12/2023

Publicado em: 03/02/2023